


**VULNERABILIDADE RACIAL E BARREIRAS NO ACESSO DE PESSOAS  
TRANSEXUAIS A SERVIÇOS SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA**

**RACIAL VULNERABILITY AND BARRIERS IN MALE TRANSGENDER PEOPLE'S  
ACCESS TO HEALTHCARE SERVICE: INTEGRATIVE REVIEW**

**VULNERABILIDAD RACIAL Y BARRERAS AL ACCESO DE LAS PERSONAS  
TRANSGÉNERO A LOS SERVICIOS DE SALUD: UNA REVISIÓN INTEGRADORA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-276>

**Data de submissão:** 28/07/2025

**Data de publicação:** 28/08/2025

**Aiarlen dos Santos Meneses**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva  
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro (UERJ), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Universidade Federal Fluminense  
(UFF)

E-mail: [aiarlenmeneses@hotmail.com](mailto:aiarlenmeneses@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7425-5004>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1195116528752049>

**Cristiane Maria Amorim Costa**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva  
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro (UERJ), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Universidade Federal Fluminense  
(UFF)

E-mail: [cmacosta1964@gmail.com](mailto:cmacosta1964@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1089-2092>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4237974902524134>

**Marcelo José Derzi Moares**

Pós-Doutorado em Filosofia

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro (UERJ)

E-mail: [marcelojdmoraes@hotmail.com](mailto:marcelojdmoraes@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0086-5314>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4674563730089198>

---

**RESUMO**

**Introdução:** Pessoas transexuais enfrentam barreiras interpessoais e estruturais que as impedem de buscar cuidados de saúde, além disso as pessoas transexuais negras experimentam níveis mais elevados de discriminação nos cuidados de saúde do que os seus homólogos brancos. **Objetivo:** Identificar as discriminações raciais, as violências e barreiras no acesso a saúde de pessoas transexuais. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, as buscas ocorreram entre fevereiro e junho de 2024 nas bases de dados do PubMed, SCOPUS, CINAHL, Web of Science, LILACS, IBTD e Google Acadêmico. Utilizaram-se os descritores indexados no DECS: “Transgender persons” OR Transsexualism OR “Sexual and Gender Minorities”; I= “Social Vulnerability” OR “Health Vulnerability” OR “Systemic Racism” OR Racism OR Prejudice OR Transphobia; CO= “Health

Services” OR “Public Health Services” OR “Public Health” OR “Primary Health Care”, a mesma estratégia foi adaptada para as outras bases de dados. Resultados: Foram encontrados 866 estudos, dentre os quais foram excluídos 177 que estavam duplicados, restando 709 estudos. Em seguida, 433 foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão desta pesquisa. Realizou-se uma busca nas referências dos artigos selecionados e assim foi integrando mais 3 artigos. Foram excluídos 269 artigos que não atenderam os critérios de elegibilidade restando assim 10 artigos para análise. Conclusão: A saúde de pessoas transexuais é um campo interdisciplinar em rápida evolução. Na última década, registou-se um aumento sem precedentes no número e na visibilidade da população que procuram apoio em serviços de saúde, paralelamente a um aumento significativo na literatura científica nesta área. Os dados indicam que, embora um número significativo de indivíduos transexuais de todas as raças/etnias sofra discriminação com base na identidade de gênero, ao acessar serviços de saúde, pessoas transexuais negras experimentam níveis mais elevados de discriminação. Uma visão transversal e multidisciplinar é fundamental para promover os cuidados, educação, pesquisa, políticas públicas e respeito baseados em evidências na saúde de pessoas trans.

**Palavras-chave:** Transfobia. Racismo. Pessoa Transsexual. Vulnerabilidades em Saúde. Interseccionalidade.

## ABSTRACT

Introduction: Transgender people face interpersonal and structural barriers that prevent them from seeking health care, and trans people of color experience higher levels of discrimination in health care than their white counterparts. Objective: to identify vulnerabilities and barriers in access to healthcare for male transgender people. Method: This is an integrative review of the literature, the searches took place between February and June 2024 in the PubMed, SCOPUS, CINAHL, Web of Science, LILACS, IBTD and Google Scholar databases. The descriptors indexed in the DECS were used: “Transgender People” OR Transsexualism OR “Sexual and Gender Minorities”; I= “Social Vulnerability” OR “Health Vulnerability” OR “Systemic Racism” OR Racism OR Prejudice OR Transphobia; CO= “Health Services” OR “Public Health Services” OR “Public Health” OR “Primary Health Care”, the same strategy was adapted for the other databases. Results: 866 studies were found, among which 177 that were duplicates were excluded, leaving 709 studies. Then, 433 were excluded because they did not meet the inclusion criteria for this research. A search was carried out in the references of the selected articles and thus 3 more articles were integrated. 269 articles that did not meet the eligibility criteria were excluded, leaving 10 articles for analysis. Conclusion: Transgender health is a rapidly evolving interdisciplinary field. The last decade has seen an unprecedented increase in the number and visibility of transgender people seeking medical support and treatment, alongside a significant increase in scientific literature in this area. Data indicates that although significant numbers of transgender individuals of all races/ethnicities experience discrimination based on transgender identity, when accessing health care services, transgender people of color experience higher levels of discrimination. A transversal and multidisciplinary vision is fundamental to promoting evidence-based care, education, research, public policies and respect in the health of trans people.

**Keywords:** Transphobia. Racism. Transgender Person. Health Vulnerabilities. Public Health.

## RESUMEN

Introducción: Las personas transgénero enfrentan barreras interpersonales y estructurales que les impiden acceder a atención médica. Además, las personas transgénero negras experimentan mayores niveles de discriminación en la atención médica que las personas blancas. Objetivo: Identificar la discriminación racial, la violencia y las barreras de acceso a la atención médica para las personas transgénero. Método: Se trata de una revisión bibliográfica integradora. Las búsquedas se realizaron

entre febrero y junio de 2024 en las bases de datos PubMed, SCOPUS, CINAHL, Web of Science, LILACS, IBTD y Google Académico. Se utilizaron los siguientes descriptores: "Personas transgénero" O "Transexualismo" O "Minorías sexuales y de género"; "Vulnerabilidad social" O "Vulnerabilidad en salud" O "Racismo sistémico" O "Racismo o prejuicio o transfobia"; CO = "Servicios de salud" O "Servicios de salud pública" O "Salud pública" O "Atención primaria de salud". La misma estrategia se adaptó para las demás bases de datos. Resultados: Se encontraron 866 estudios, de los cuales 177 fueron excluidos por ser duplicados, quedando 709 estudios. Posteriormente, se excluyeron 433 por no cumplir con los criterios de inclusión para esta investigación. Se realizó una búsqueda de las referencias de los artículos seleccionados, integrando así tres artículos adicionales. Se excluyeron 269 artículos que no cumplían con los criterios de elegibilidad, quedando 10 artículos para análisis. Conclusión: La salud de las personas transgénero es un campo interdisciplinario en rápida evolución. La última década ha presenciado un aumento sin precedentes en el número y la visibilidad de las personas que buscan apoyo en los servicios de salud, acompañado de un aumento significativo de la literatura científica en esta área. Los datos indican que, si bien un número significativo de personas transgénero de todas las razas/etnias experimenta discriminación por su identidad de género, al acceder a los servicios de salud, las personas transgénero negras experimentan mayores niveles de discriminación. Una perspectiva interdisciplinaria y multidisciplinaria es esencial para promover la atención basada en la evidencia, la educación, la investigación, las políticas públicas y el respeto por la salud de las personas trans.

**Palabras clave:** Transfobia. Racismo. Personas Transgénero. Vulnerabilidades en la Salud. Interseccionalidad.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil traz a triste marca de ter sido o último país ocidental de tradição cristã a proibir a escravidão.<sup>1</sup> Entre os séculos XVI e XIX, mais de quatro milhões de negros foram trazidos da África como escravos, de modo que em 1822, ano da independência do Brasil de Portugal, aproximadamente um terço da população brasileira ainda se encontrava naquela situação.<sup>2</sup>

Hoje em dia, mais de 136 anos após a abolição, o número de pessoas, que se autodeclararam pretas e pardas, constitui 56% do total da população brasileira. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup> em 2022, cerca de 43,5% (88,2 milhões de pessoas) se declararam brancas, 45,3% se declararam como parda; (92,1 milhões de pessoas), 10,2% (20,6 milhões) se declararam pretas, 0,6% das pessoas (1,2 milhão) se declararam indígenas e 0,4% (850,1 mil) se declararam amarelas.<sup>6</sup> Quando comparado com o ano de 2010, observou-se um aumento de 42,3% na população preta, passando de 7,6% para 10,2%. A população parda registrou um crescimento de 11,9%, aumentando sua proporção na população total do país de 43,1% para 45,3%.<sup>6</sup>

Apesar dos números mostrarem que o Brasil é um país de maioria preta e parda, ainda persistem notáveis desigualdades raciais. Para a população negra no Brasil, as vulnerabilidades estão estruturalmente vinculadas ao racismo, que atua na sua produção, determinando piores indicadores sociais e de saúde, configurando um cenário de iniquidades.<sup>1,8</sup> O termo vulnerabilidade diz respeito a grupos ou indivíduos fragilizados juridicamente ou politicamente, que necessitam de auxílio e proteção para a garantia de seus direitos como cidadãos.<sup>11</sup>

As desigualdades de gênero, raça e classes restringem a população negra ao acesso de bens e serviços e determinam as disparidades em saúde.<sup>13,14</sup> A acessibilidade aos serviços de saúde está relacionada à obstáculos na procura e na obtenção do cuidado, e assim como a capacidade da população para superar tais obstáculos, e quando se trata da população transexual negra, esses obstáculos tendem aumentar.<sup>15,16</sup>

Transexualidade é a denominação para o indivíduo que apresenta autoidentificação divergente do sexo biológico atribuído a ele ao nascimento, ou seja, uma pessoa transexual não se reconhece no gênero masculino ou feminino que lhe foi designado ao nascimento.<sup>23,29</sup>

As estatísticas mais recentes indicam que aproximadamente três milhões de pessoas no Brasil, ou 2% da população adulta se consideram pessoas transexuais, segundo o levantamento de 2021, considerado inédito na América Latina, realizado pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB/Unesp). Estudos<sup>15,29,35</sup> mostram que pessoas trans enfrentam múltiplas barreiras no acesso aos serviços de saúde, devido a transfobia, definida como preconceito, discriminação ou ódio contra pessoas transexuais.<sup>22,33,35</sup>

As experiências de discriminação por parte de profissionais de saúde podem fazer com que os indivíduos escondam a sua orientação sexual ou identidade de gênero, a fim de evitar serem discriminados ou constrangidos.<sup>15,36</sup> Além disso, devido ao estigma, pessoas transexuais podem atrasar a procura dos cuidados em saúde necessários.<sup>15</sup>

Pessoas transexuais apresentam altas taxas de prevalência em condições clínicas relacionadas a saúde mental devido ao estigma e à discriminação, que promovem ambientes hostis e estressantes. Uma pesquisa<sup>32</sup> nos EUA mostrou, que as pessoas trans têm quatro vezes mais probabilidade de lutar contra a depressão e duas vezes mais probabilidade de lutar contra a ansiedade em comparação com a população em geral.

Esse cenário de violência, aliado à falta de políticas públicas, à exclusão do mercado de trabalho e aos demais sofrimentos decorrentes de exclusões cis heteronormativas em todos os setores da sociedade, resulta em maiores taxas de condições relacionadas a saúde mental como: depressão, ansiedade, ideação e tentativas de suicídio, inclusive maior incidência de problemas de saúde relacionados ao tabagismo, abuso de álcool e uso de substâncias, infecção por HIV e outras ISTs,<sup>38</sup> afastamento dos serviços de saúde, uso inadequado de hormônios quando comparados à população cis.<sup>29</sup>

Neste contexto, o conceito de interseccionalidade pode explicar como a forma do exercício do poder, através da intersecção da dominação e da opressão, afeta os indivíduos que enfrentam múltiplas desigualdades sociais, com a consequente marginalização múltipla.<sup>28,29</sup>

Levar em conta a perspectiva interseccional em relação à vulnerabilidade e aos grupos vulneráveis significa desafiar a tendência difusa nas políticas públicas de categorizar estaticamente os grupos em termos de vulnerabilidade aos perigos, o que negligencia os diferenciais e a fluidez da composição dentro dos grupos em termos de vulnerabilidade e resiliência.<sup>28-30</sup>

A bioeticista Florencia Luna argumenta que a vulnerabilidade não é uma característica específica e estática dos indivíduos, mas um estado que pode variar dependendo do contexto, da situação e do tempo. Esta multidimensionalidade significa que diferentes fatores podem contribuir para a vulnerabilidade em diferentes momentos e situações. A vulnerabilidade deve ser sempre avaliada no contexto específico em que se encontra o indivíduo ou grupo. Isso inclui fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais. Por exemplo, a vulnerabilidade de um homem transexual pode ser exacerbada pela discriminação social, falta de acesso a cuidados de saúde específicos e condições econômicas precárias. Portanto, a análise deve ser situacional e não levar apenas em consideração a “metáfora dos rótulos”, que significa fixar um rótulo de vulnerabilidade numa subpopulação específica.<sup>41</sup>

O presente artigo tem como objetivo analisar as vulnerabilidades e barreiras no acesso a saúde de pessoas transexuais a partir dos marcadores sociais de gênero e raça.

## 2 MÉTODO

Foi conduzida uma revisão integrativa da literatura, que reúne, avalia e sintetiza achados provenientes de estudos na literatura científica mundial, fundamentados em evidências científicas disponíveis sobre determinado tema.<sup>42</sup>

As palavras-chave foram definidas segundo os descritores em ciências da saúde (DeCS) e o Medical Subject Headings (MeSH): Pessoa transexual, Vulnerabilidade Social, Sistema de racismo, Transfobia, Serviços de saúde. Gênero.

Foi utilizada estratégia de busca, adaptada para cada base de dados de acordo com suas especificidades de reconhecimento, bem como suas palavras chaves e seus *entry terms* separados com operadores booleanos OR para distingui-los e AND para associá-los: “Transgender persons” OR Transsexualism OR “Sexual and Gender Minorities”; “Social Vulnerability” OR “Health Vulnerability” OR “Systemic Racism” OR Racism OR Prejudice OR Transphobia “Health Services” OR “Public Health Services” OR “Public Health” OR “Primary Health Care”. A partir da estratégia, emergiu-se a seguinte pergunta norteadora: Quais as vulnerabilidades em saúde vivenciadas pelas pessoas transexuais negras?

A busca dos artigos foi realizada de fevereiro a junho de 2024 por meio do Portal de Periódicos CAPES, que forneceu acesso às principais bases de dados: PubMed Central, SCOPUS, Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Web of Science, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBTD) e Google Acadêmico, de forma a integrar e direcionar o máximo de estudos sobre o tema.

Consideraram-se elegíveis os artigos publicados disponíveis eletronicamente nas bases supracitadas e que tratassem das vulnerabilidades de pessoas transexuais negras, principalmente quanto ao acesso aos serviços saúde.

Estabeleceu-se em seguida, a amostragem com a definição dos critérios de inclusão e exclusão: foram incluídos artigos originais, sem delimitação temporal para as buscas, publicados nos idiomas Português, Inglês e Espanhol e relacionados à pergunta norteadora. Foram excluídos os artigos duplicados, contabilizados uma vez, cartas ao editor, resumos em anais de eventos, diretrizes, editoriais, relatórios de especialistas, estudos em crianças e estudos que não abordavam a exposição ou desfecho de interesse.



### 3 RESULTADOS

Foram identificados 886 artigos, dentre os quais com a ajuda do software EndNote Web identificou-se 177 estavam em duplicidade, restando 709 estudos. Durante a etapa de leitura de títulos e resumos, 433 foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão desta pesquisa, durante o rastreo. Dessa forma, realizou-se uma busca nas referências dos artigos selecionados e assim foi integrado mais 3 artigos da base de dados Pubmed.

Foram excluídos 269 artigos que não atenderam os critérios de elegibilidade restando assim 10 (100%) incluídos nesta revisão, oriundos de pesquisas realizadas no Brasil 8 (80%), sendo 3 da base de dados LILACS, 1 da base de dados Scopus, 2 da base de dados Google acadêmico e 2 da base de dados Pubmed, nos Estados Unidos da América (EUA) 2 (20%), sendo da base de dados Web of Science. Após a análise dos estudos, a discussão foi dividida em duas categorias, sendo elas: I – Barreiras no acesso a saúde e II – Vulnerabilidade e resiliência.

Quadro 1. Categorias geradas a partir dos artigos selecionados . Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2024

CATEGORIAS	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES, ANOS E PAÍSES	TIPO DE ESTUDO	UNIDADES DE REGISTROS (UR)
<b>Barreiras no acesso a saúde</b>	Interseccionalidades na Experiência de Pessoas Trans nos Serviços de Saúde	Nogueira; Leitão & Silva, 2021, Brasil	Estudo qualitativo	O presente artigo analisa a implementação da Política Nacional de Atenção Integral à população LGBTTI+, bem como as dificuldades do acesso aos serviços de saúde a partir das interseccionalidades.
	Transexualidade e assistência à saúde no Brasil: uma discussão teórico-conceitual sobre a influência do binarismo de gênero	Vieira; Goldberg & Bermúdez, 2024, Brasil	Estudo qualitativo	O presente discute a forma como o modelo biomédico atravessa as práticas em saúde e desconsidera os aspectos socioculturais da comunidade transexual.
	Pessoas transexuais e o acesso aos serviços de saúde no Brasil: revisão integrativa	Araujo et al., 2018, Brasil	Estudo qualitativo	O autor afirma que a população negra tem maior adoecimento, inclusive psíquico; maior mortalidade; reside em áreas desprovidas de infraestrutura básica, e tem pior acesso aos serviços de saúde.
	Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha	Peçanha, 2024, Brasil	Artigo de opinião	A cisnormatividade faz com que a população transexual tenha baixa saúde e dificuldade acessa-la.
	Double jeopardy: Minority stress and the influence of transgender identity and race/ethnicity	Millar & Brooks, 2021, EUA	Estudo transversal	Os indivíduos transgêneros com múltiplos status minoritários sofrem maior estresse psicológico em comparação com seus pares desfavorecidos e encontram dificuldades ao acessar os serviços de saúde.
	Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans	Menezes, 2018, Brasil	Estudo qualitativo	O autor afirma que a população trans, ainda há vários segmentos sociais sem acesso a políticas de saúde.
	"Viver dignamente": necessidades e demandas	Sousa & Iriart, 2018, Brasil	Estudo qualitativo	Entre a população trans podem ser decorrentes de situações que assinalam conflitos e pressões grupais. A ausência do

	de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil			processo transexualizador no estado e as barreiras no acesso à rede de atenção à saúde intensificam o processo de mercantilização das suas demandas de saúde.
<b>Discriminação racial e violência</b>	Interseccionalidades na Experiência de Pessoas Trans nos Serviços de Saúde	Nogueira; Leitão & Silva, 2021, Brasil	Estudo qualitativo	O presente artigo analisa a implementação da Política Nacional de Atenção Integral à população LGBTTI+, bem como as dificuldades do acesso aos serviços de saúde a partir das interseccionalidades e como racismo proporciona um ambiente violento.
	Profound health-care discrimination experienced by transgender people: rapid systematic review	Kcomt, 2018, EUA	Estudo qualitativo	As pessoas transgênero vivenciam barreiras interpessoais e estruturais que as impedem de acessar cuidados de saúde cultural e clinicamente competentes.
	Pessoas transexuais e o acesso aos serviços de saúde no Brasil: revisão integrativa	Araujo et al., 2018, Brasil	Estudo qualitativo	Os estudos sobre desigualdades, disparidades ou iniquidades em saúde devem transpor a barreira dos números, indo além da comparação de dados estatísticos, uma vez que o racismo nem sempre se mostra “de forma explícita e mensurável nas interações sociais.
	Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha	Peçanha, 2024, Brasil	Estudo qualitativo	O artigo relata que é debatido com violência, com transfobia institucional, com transfobia, com misoginia a população negra transexual.
	Da transfobia ao racismo: experiências de transição de homens transexuais negros	Boffi & Santos, 2023, Brasil	Estudo qualitativo	O autor diz que, uma vez naturalizada, essa concepção dominante constitui um dos elementos de força do racismo estrutural
	Double jeopardy: Minority stress and the influence of transgender identity and race/ethnicity	Millar & Brooks, 2021, EUA	Estudo transversal	O presente estudo examina as diferenças raciais/étnicas na discriminação de gênero e sofrimento psicológico em uma amostra de indivíduos transgêneros.
	Vidas inimigas, necropolítica e interseccionalidade: da exclusão na educação ao suicídio/assassinato de pessoas trans	Goulart & Nardi, 2022, Brasil	Estudo qualitativo	Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado.
	Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans	Menezes, 2018, Brasil	Estudo qualitativo	A população trans negra costumam integrar segmentos sociais que não têm acesso a direitos plenos de cidadania.
<b>Resiliência</b>	Transexualidade e assistência à saúde no Brasil: uma discussão teórico-conceitual sobre a influência do binarismo de gênero	Vieira; Goldberg & Bermúdez, 2024, Brasil	Estudo qualitativo	O artigo defende espaços assistenciais seguros que respeitem os desejos das pessoas trans sobre os seus corpos e a diversa possibilidade de existência referente a corporalidade humana e a identidade de gênero, permitindo que o transexual se resinifique em meio a sociedade binária e cisgênero.
	Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha	Peçanha, 2024, Brasil	Estudo qualitativo	Também tem relação com podermos estar nos lugares que quisermos, pra competir com quem a gente quiser.
	Da transfobia ao racismo: experiências de	Boffi & Santos, 2023, Brasil	Estudo qualitativo	As políticas públicas podem contribuir para fortalecer experiências concretas de



	transição de homens transexuais negros			enfrentamento e superação das contradições geradas pelas condições de desigualdade racial no Brasil,
	"Viver dignamente": necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil	Sousa & Iriart, 2018, Brasil	Estudo qualitativo	As condições de vida, mudanças nos paradigmas culturais que enraízam desigualdades e das conjunturas sociais que permitam viver dignamente a partir das condições objetivas de existência da vida biológica, social e cultural.

Fonte: Os autores, 2024

## 4 DISCUSSÃO

### 4.1 BARREIRAS NO ACESSO A SAÚDE

Os resultados deste estudo mostram altas taxas de discriminação e preconceito contra pessoas transexuais principalmente as de raça negra quando tentam acessar os serviços de saúde.<sup>18,23</sup> A população transexual enfrenta barreiras nos serviços de saúde, fomentadas pela intolerância, descaso e hostilidade até conseguir de fato, acesso a serviços especializados no Sistema Único de Saúde (SUS).<sup>10,15</sup>

Os impactos desse comportamento potencializam as desigualdades e reafirmam estigmas que precisam ser abandonados, ademais reforçam comportamentos de violência como racismo e a transfobia quando comparadas com os seus pares cis, as pessoas trans têm quatro vezes mais probabilidades de serem vítimas de um crime violento, e esse número pode aumentar em caso de pessoas negras.<sup>32,37</sup>

Nosso estudo revelou que as barreiras no acesso aos cuidados de saúde enfrentadas por pessoas trans, estão diretamente relacionadas ao estigma, preconceito e transfobia por parte de profissionais que atuam nas unidades de saúde, incluindo a recusa de tratamento devido à orientação sexual ou identidade de gênero do indivíduo.<sup>41</sup> Nossos resultados corroboram um estudo<sup>45</sup> realizado em São Paulo, no qual evidenciou-se as dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans no acesso à saúde nos diversos níveis de atenção. A situação é semelhante no acesso ao programa do SUS Processo Transsexualizador.<sup>34</sup> Entre os desafios enfrentados pela população trans estão o preconceito, falta de informação, despreparo dos profissionais de saúde no atendimento a pessoas trans, falhas no processo de referenciamento e regulação para os serviços especializados e a desarticulação com a Rede de Atenção Básica a Saúde e a Rede de Atenção Psicossocial.<sup>34,41</sup>

Esse resultado vai ao encontro das pesquisas<sup>47,43</sup> na qual mostram que a acessibilidade aos serviços de saúde envolve diversos obstáculos na busca e obtenção de cuidados, além das capacidades da população para superar esses obstáculos.<sup>44</sup> A resistência em buscar os serviços está entre os impedimentos que não se relacionam apenas com a disponibilidade dos serviços, mas também com a

capacidade da população de acessá-los, incluindo tempo, acesso a meios de transporte, recursos financeiros e habilidade para lidar com a organização.<sup>35,40</sup>

O acolhimento inicial dentro do serviço é crucial e deve ser priorizado nas capacitações.<sup>39</sup>

Em um estudo<sup>41</sup> realizado nos EUA sobre atitudes transfóbicas por parte de profissionais de saúde, 65% dos entrevistados afirmaram ter ouvido comentários depreciativos por parte da equipe médica e 34% indicaram que tinham testemunhado cuidados discriminatórios de pessoas trans.<sup>32,47</sup> Em outro estudo<sup>48</sup>, entre 20% e 23% dos participantes foi negado o acesso a cuidados de saúde devido à transfobia. Tal como acontece com as pessoas trans negras. As consequências desse comportamento podem explicar a baixa adesão ou a renúncia na procura de serviços de saúde devido a preocupações com a discriminação principalmente na atenção primária a saúde.<sup>27,39,40</sup>

A falta de práticas no manejo com essa população é uma das principais questões relacionadas ao atraso no atendimento médico para pessoas trans.<sup>33</sup> Ao interagir com os profissionais de saúde, os pacientes trans muitas vezes precisam educar os médicos sobre as suas necessidades de saúde e corrigir as suposições dos profissionais sobre eles como indivíduos e pacientes.<sup>31,32,41</sup>

O racismo e a transfobia não afetam apenas os indivíduos, mas também os seus familiares que procuram cuidados de saúde para os seus filhos. Esses são menos propensos a revelar a sua orientação sexual ou identidade de gênero aos profissionais de saúde do que os seus homólogos heterossexuais, por medo de cuidados de qualidade inferior para a sua família.<sup>44,39</sup>

Em um estudo<sup>32</sup> sobre a utilização de serviços de emergência entre pessoas LGBTQIA+, 41,7% dos participantes relataram pelo menos uma visita ao serviço de emergência no ano de 2022. Especialistas<sup>31,48</sup> sugerem que pessoas LGBTQIA+ podem depender mais dos serviços de emergência para as suas necessidades de cuidados de saúde devido à discriminação percebida na atenção primária a saúde.<sup>43</sup>

Profissionais nunca devem deduzir o gênero de uma pessoa, nem os demais aspectos atribuídos à sexualidade, a partir de seus próprios valores e percepções.<sup>40</sup> É importante incluir essas informações entre as demais que se buscam conhecer sobre a pessoa em uma anamnese, oferecendo um espaço seguro para isso.<sup>32</sup> O nome e os pronomes (femininos, masculinos ou neutros) com os quais a pessoa prefere ser tratada também devem fazer parte das perguntas habituais durante um atendimento de saúde.<sup>40,41</sup>

## 4.2 DISCRIMINAÇÃO RACIAL E VIOLÊNCIA

O sistema de saúde tem sido historicamente repleto de perigos para pessoas trans negras, é sabido que as desigualdades raciais resultam em disparidades em saúde.<sup>40</sup> O "esquecimento" da

questão racial nas análises sobre transexualidade masculina pode ser visto como um exemplo de racismo por omissão. Gênero e raça são mecanismos relacionais que operam com base em dinâmicas de exclusão e precarização dos corpos.<sup>40</sup> Assim, o primeiro passo para formular políticas de saúde para a população trans masculina negra é o reconhecimento e a valorização positiva das experiências específicas e divergentes dessa população.<sup>39,40</sup>

Peçanha (2024)<sup>39</sup> compreende que o racismo não se combate com transfobia, nem a transfobia com racismo, nem se pode vencer uma opressão com outra.

Acredito na criação de vínculos entre homens negros trans e homens negros cisgêneros. Os fatores que nos conectam podem contribuir mutuamente, permitindo que compartilhemos experiências e troquemos singularidades. Não é possível apagar o passado ou separar a experiência de ser negro da de ser trans. Eu sou um homem negro trans, e minha vivência e experiência são moldadas por essa realidade. (Peçanha, 2024 p.18)<sup>39</sup>

A violência institucional, incluindo abuso verbal, físico e emocional, perpetrado por profissionais de saúde contra pessoas transexuais negras, é uma realidade preocupante que contribui significativamente para a discriminação nos serviços de saúde.<sup>40</sup>

Estudos<sup>19,38,50</sup> sugerem que pessoas trans negras têm menos probabilidade de receber cuidados adequados ou recomendações sobre tratamentos em unidades de trauma e têm 20% mais probabilidade de mortalidade em cirurgia quando comparados a pessoas cis branca. Esse resultado corrobora o estudo de Sousa et al. (2018)<sup>36</sup> no qual afirma que as desigualdades estão ligadas ao adiamento do tratamento por parte de indivíduos de minorias raciais e étnicas por medo de discriminação inclusive a discriminação racial em ambientes de cuidados de saúde está associada piores desfechos incluindo maior mortalidade.<sup>29,36</sup>

A violência e o desrespeito nos serviços de saúde têm impactos severos na saúde mental e física das pessoas transgênero. Nesse sentido, podemos conjecturar que isso pode ocorrer devido a exposição constante a um ambiente hostil que pode levar ao aumento de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais.<sup>30</sup>

Para Neves (2021)<sup>30</sup> homens negros em espaços públicos são frequentemente tratados com agressividade, enquanto as pessoas demonstram receio e medo de se aproximar.

*"... nossa presença é quase sempre interpretada como uma ameaça, algo que as pessoas sentem a necessidade de temer ou "atacar primeiro". Sendo um homem negro retinto e transexual, essa agressividade é ainda mais intensa..."*<sup>42</sup>

Corpos que não se encaixam no "padrão", que não seguem a cis heteronormatividade ou que não são brancos, muitas vezes são marginalizados sumariamente, como se não tivessem valor, fossem descartáveis ou não deveriam existir.<sup>15,26,42</sup>

Na prática, não há comoção ou solidariedade quando nossos corpos negros e trans enfrentam essas violências. Tanto que, quando estou na rua, sinto que algumas pessoas querem usar um graveto para me cutucar e ver minha reação, como se eu não tivesse humanidade. Para essas pessoas, não há necessidade de nos tratar com respeito, amor, compaixão e dignidade, afinal, nossos corpos não merecem isso (Caetano, 2022, p.2).

Levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)<sup>23</sup> revela que, em 2022, 131 pessoas transexuais foram assassinadas no Brasil. Outras 20 tiraram a própria vida diante da discriminação e do preconceito presente na sociedade brasileira.<sup>23</sup>

Em números absolutos, São Paulo foi o estado com mais casos em 2020, com 29 mortes, seguido pelo Ceará, com 22 assassinatos, e a Bahia, com 19. Além disso, em 2020, 71% dos assassinatos aconteceram em espaços públicos e a maioria das pessoas transexuais mortas no ano passado no Brasil eram negras.<sup>23</sup> Bortolini et al. (2022)<sup>41</sup> observou alguns padrões que se repetem nesses dados, mais da metade dessas pessoas trans mortas são negras e a maioria desses assassinatos ocorrem em lugares públicos. Esses dados dizem muito como o Brasil lida com corpos negros dissidentes.<sup>41</sup>

Algumas pessoas chegam até a dizer:

*"...que pouca vergonha, esse negão vestido de mulher, ele está pedindo para apanhar"<sup>33</sup>...*

É importante ressaltar que quase sempre os xingamentos e as ofensas contra pessoas trans negras "preparam" caminho para a "naturalização" da agressão física contra essa população.<sup>33</sup>

*...Sem medo, me arrisco a dizer que não existe uma pessoa trans negra no Brasil que não tenha sido alvo de xingamentos ou ameaças por ser quem é"<sup>33</sup>...*

E para as pessoas transexuais negras, os desafios que enfrentam devido à discriminação de gênero são exacerbados pelas lutas que enfrentam por causa do racismo.<sup>15,33</sup>

Nesse sentido, é fundamental começar a pensar nas políticas de saúde para a população trans negra, reconhecendo suas especificidades e nuances bem como valorizando de maneira positiva as experiências únicas e diversas desse grupo específico.<sup>39,40</sup>

#### 4.3 RESILIÊNCIA AUTOPROVOCADA PELA VULNERABILIDADE

A vida de uma pessoa trans é marcada por uma trajetória de lutas e por uma busca incansável para alcançar igualdade de direitos e inclusão dentro dos diversos âmbitos da sociedade. E no que diz respeito à garantia, manutenção e proteção à saúde dessas pessoas, a realidade não é diferente.<sup>39</sup>

Pessoas transexuais negras encontraram muitas estratégias diferentes para ajudá-las a navegar e superar esses desafios, uma delas é construir resiliência, ou seja, lidar e adaptar-se a fatores de estresse e adversidades.<sup>39</sup> Muitas pessoas trans negras extraem força de modelos de apoio e de membros de sua comunidade. Ser eles próprios um modelo positivo e ter um forte senso de autoestima também são fatores-chave para construir resiliência.<sup>40</sup>

Uma pessoa transexual negra que sobreviveu a um evento traumático compartilhou num estudo<sup>50</sup> que a resiliência para eles significava ter orgulho do seu gênero e sua identidade racial e étnica, ao mesmo tempo que reconheciam e negociavam os desafios que enfrentam devido à opressão sistêmica.<sup>30,43</sup> Eles também construíram resiliência engajando-se no ativismo, defendendo-se e conectando-se com comunidades trans negras.<sup>40</sup> As mulheres trans negras têm sido uma força motriz na luta pelos direitos LGBTQIA+, que continuam a encontrar forças na ação coletiva.

Existem inúmeras maneiras de apoiar pessoas trans negras que trabalham pela conquista de direitos, uma maneira é a autoeducação.<sup>30</sup> Isto inclui aprender sobre privilégios e como estes conferem a grupos selecionados poder sobre outros, na forma de hostilidade e até violência física.<sup>41</sup> É importante ressaltar que a autoeducação é uma jornada contínua que exige dedicação e humildade.<sup>30,41</sup>

Outra forma apoiar as comunidades marginalizadas é ser um colaborador em vez de ser apenas um aliado passivo, pergunte como você pode aproveitar seu privilégio para apoiar pessoas trans negras.<sup>39</sup> Isto poderia funcionar para proporcionar ambientes de trabalho, escolas e saúde entre outros serviços escassos a essa população. Também poderia compensar de forma justa e equitativa as pessoas trans negras pelo seu trabalho.<sup>39,41</sup>

#### 4.4 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo teve limitações no que tange a escassez de estudos primários nessa temática. A falta de dados sobre a saúde da população transexual negra fortalece o quanto esses corpos são invisibilizados. Percebe-se que, a saúde das pessoas trans é afetada pelos contextos em que vivem. Claramente, há muita diversidade em todos os países de baixa e média renda no que diz respeito às políticas, sistemas de saúde e normas culturais que impactam as pessoas trans.

## 5 CONCLUSÃO

Percebe-se de dez artigos selecionados para tal revisão, 2 falam especificamente de homens transexuais negros, 2 de mulheres transexuais negras e 6 falam da população LGBTQPAN+, nota-se o “Discurso da não diferença” que foi imputado por Paulino, Rasera e Teixeira, onde os mesmos dissertam que tal discurso parece ser usado como uma estratégia para afastar a mensagem do preconceito que, na sua dobra, denuncia o aspecto moral presente nas construções discursivas. Assim, a tentativa é de minimizar a diferença, sob o argumento de uma suposta igualdade. Contudo, um dos efeitos dessa fala é a negação do outro. Trata-se da contradição não percebida. Aqui, a ideia é a de que igualdade faz desaparecer (ou mesmo impede que surja) o preconceito, em uma equação aparentemente simples, lógica e socialmente correta e aceitável, e que cumpre a função de apagar o próprio sujeito e quando se trata da população negra, essa “não diferença” faz parte de uma política de apagamento e embranquecimento da população negra<sup>55</sup>

Os impactos do racismo na população transexual são profundos e abrangentes, afetando múltiplas dimensões da vida dessas pessoas. A intersecção da transfobia com o racismo resulta em desafios únicos e intensificados que exigem uma abordagem interseccional para a compreensão e a solução desses problemas. É crucial que políticas públicas, serviços de saúde e programas sociais reconheçam e abordem essas interseções para promover a justiça social e a igualdade para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou racial. A luta contra o racismo e a transfobia deve ser conjunta e integrada, visando a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Faltam políticas públicas exclusivas que efetivamente contemplem as complexidades e demandas da população trans negra no país. Nesse sentido, se faz necessário a produção de estudos primários em âmbito nacional de larga escala nessa temática para melhor compreensão desse fenômeno.



## REFERÊNCIAS

- ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal*, Niterói, v. 24, p. 563-578, 2012.
- ARAÚJO, E. M.; COSTA, M. C. N.; HOGAN, V. K. et al. A utilização da variável raça/cor em saúde pública: possibilidades e limites. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 13, p. 383-394, 2009.
- OLIVEIRA, E.; COUTO, M. T.; SEPARAVICH, M. A. A. et al. Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença-cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 24, e180736, 2020.
- SILVA, E. L. V. Gênero, sexualidade e etnia: racismo institucional e suas repercussões ao acesso à saúde no Brasil. In: Congresso de Serviço Social da UEL, 2017, Londrina. Anais [...]. Londrina: UEL, 2017. Disponível em: <https://www.congressoservicosocialuel.com.br/anais/2017/assets/134287.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2017.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_anual/microdados/2014/](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/microdados/2014/). Acesso em: 25 dez. 2017.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil: estudos e pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 48. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf). Acesso em: 16 mar. 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil: estudos e pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 16 mar. 2024.
- ALMEIDA, S. L. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: [https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf). Acesso em: 16 mar. 2024.
- GONÇALVES, M. M.; MARQUES, M. C. C.; SCHUCMAN, L. V. Raça e racismo na formação em saúde: do conceito a práxis. In: MOTA, A.; MARINHO, M. G. S. M. C.; SCHRAIBER, L. B. (org.). Educação, medicina e saúde: tendências historiográficas e dimensões interdisciplinares. Santo André: UFABC/CD&G, 2018. p. 79-106.
- KALCKMANN, S.; SANTOS, C. G.; BATISTA, L. E. et al. Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS? *Saúde e Sociedade*, v. 16, n. 2, p. 146-155, 2007.
- MARTINS, E. R. C.; MEDEIROS, A. S.; OLIVEIRA, K. L. et al. Vulnerabilidade de homens jovens e suas necessidades de saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 24, e20190203, 2020.

SANTOS, T. A.; HONORATO, A. A. S. Intersecção gênero, classe e raça: reflexões sobre racismo e a população transexual na perspectiva do serviço social brasileiro. *Gestão e Desenvolvimento em Revista*, v. 9, 2021.

JACINTHO, S. S. Fora do “Cis”tema: os caminhos da transição de gênero de homens trans. *Alabastro*, v. 8, p. 16-31, 2019.

CLARE, C. A.; WOODLAND, M. B.; BUERY-JOYNER, S. et al. Educational guidelines on sexual orientation, gender identity and expression, and sex characteristics biases in medical education. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, 2024. DOI: 10.1016/j.ajog.2024.02.309.

OLIVEIRA, G. S. Transfobia, racismo e suas implicações na saúde de pessoas transexuais e negras: transgressão no pensar a partir do âmbito do SUS. *Feminismos*, v. 8, 2020.

HOWARD, S. D.; LEE, K. L.; NATHAN, A. G. et al. Healthcare experiences of transgender people of color. *Journal of General Internal Medicine*, v. 34, p. 2068-2074, 2019.

MGBAKO, O.; SOBIESZCZYK, M. E.; OLENDER, S. et al. Immediate antiretroviral therapy: the need for a health equity approach. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, 2020. DOI: 10.3390/ijerph17197345.

LACOMBE-DUNCAN, A. An intersectional perspective on access to HIV-related healthcare for transgender women. *Transgender Health*, v. 1, p. 137-141, 2016.

KING, W. M.; GAMAREL, K. E.; FLEISCHER, N. L. et al. Racial/ethnic differences in the association between transgender-related U.S. state policies and self-rated health of transgender women. *BMC Public Health*, v. 24, 911, 2024.

PERRY, C.; GOLDENBERG, S.; DEERING, K. et al. Structural racism and violence: routine healthcare access in a cohort of marginalized Indigenous women and Two-Spirit Peoples during the COVID-19 pandemic. *Research Square*, 2023. DOI: 10.21203/rs.3.rs-3450143/v1.

SHELTON, S. A.; LESTER, A. O. S. A narrative exploration of the importance of intersectionality in a Black trans woman’s mental health experiences. *International Journal of Transgender Health*, v. 23, p. 108-121, 2022.

GREGORI, J.; VACCARI, J. M.; NEPOMUCENO, M. A. Transfobia e necropolítica: encruzilhadas do contexto brasileiro contemporâneo. *Revista Extraprensa*, v. 15, p. 739-754, 2022.

BENEVIDES, B. G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Brasília: ANTRA, 2023.

SCOTT, J. B.; PROLA, C. D. A.; SIQUEIRA, A. C. et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Revista*, v. 24, p. 600-615, 2018.

BLENDON, R. J.; CASEY, L. S. Discrimination in the United States: perspectives for the future. *Health Services Research*, v. 54, supl. 2, p. 1467-1471, 2019.

SANTOS, D. L. L.; SANTOS, T. C. B.; DIAS, A. F. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. *Práxis Educacional*, v. 18, e10896, 2022.

MENEZES, L. M. J. Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans. *BIS, Boletim do Instituto de Saúde*, 2018. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016512/bis-v19n2-diversidade-62-76.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MELLO, L.; GONÇALVES, E. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. *Revista Cronos*, v. 11, 2018.

NOGUEIRA, F. J. S.; LEITÃO, E. S. F.; SILVA, E. C. S. Interseccionalidades na experiência de pessoas trans nos serviços de saúde. *Revista Psicologia e Saúde*, p. 35-49, 2021.

NEVES, B. A. N.; PEÇANHA, L. M. B. Os desafios das transmasculinidades no ambiente educacional: violências e intersecções. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 4, p. 143-160, 2021.

SILVA, N. L.; LOPES, R. O. P.; BITENCOURT, G. R. et al. Social identity of transgender persons: concept analysis and proposition of nursing diagnoses. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-2020-0070.

DRABISH, K.; THEEKE, L. A. Health impact of stigma, discrimination, prejudice, and bias experienced by transgender people: a systematic review of quantitative studies. *Issues in Mental Health Nursing*, v. 43, p. 111-118, 2022.

BOFFI, L. C.; SANTOS, M. A. Da transfobia ao racismo: experiências de transição de homens transexuais negros. *Psicologia USP*, v. 34, 2023. DOI: 10.1590/0103-6564e200212.

RIBEIRO, C. R.; AHMAD, A. F.; DANTAS, B. S. et al. Masculinidades em construção, corpos em (re)construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 3901-3911, 2022.

VIEIRA, V. F.; GOLDBERG, A.; BERMÚDEZ, X. P. C. D. Transexualidade e assistência à saúde no Brasil: uma discussão teórico-conceitual sobre a influência do binarismo de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2024. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/transexualidade-e-assistencia-a-saude-no-brasil-uma-discussao-teoricoconceitual-sobre-a-influencia-do-binarismo-de-genero/19055>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SOUSA, D.; IRIART, J. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, e00036318, 2018.

TORDOFF, D. M.; FERNANDEZ, A.; PERRY, N. L. et al. A quantitative intersectionality analysis of HIV/STI prevention and healthcare access among transgender and nonbinary people. *Epidemiology*, v. 34, p. 827-837, 2023.

MCNULTY, M. C.; ACREE, M. E.; KERMAN, J. et al. Shared decision making for HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) with black transgender women. *Culture, Health & Sexuality*, v. 24, p. 1033-1046, 2022.

PEÇANHA, L. M. B.; SILVA JUNIOR, A. L.; SOLIVA, T. B. Corpos transmasculinos negros em intersecções estéticas: entrevista com Leonardo Peçanha. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, 2024. DOI: 10.1590/1413-81232024292.18622023.

CAETANO, M.; PEÇANHA, L. M. B. Atualizando as reflexões transmasculinas negras brasileiras: entrevista com o cientista político Marcelo Caetano. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 5, p. 13-42, 2022.

BORTOLINI, A.; PEÇANHA, L. M. B.; SILVA JUNIOR, J. A. et al. Articulando raça, gênero e sexualidade para pensar a construção social das múltiplas masculinidades negras. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 5, p. 4-12, 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, v. 8, p. 102-106, 2010.

PAGE, M. J.; MCKENZIE, J. E.; BOSSUYT, P. M. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, n71, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes metodológicas Sistema GRADE: manual de graduação da qualidade da evidência e força de recomendação para tomada de decisão em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_metodologicas\\_sistema\\_grade.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_metodologicas_sistema_grade.pdf). Acesso em: 16 mar. 2024.